

## Educar para a morte é educar para a vida

Educar para la muerte es educar para la vida

Educate to death is educating for life

**Ana Luiza Toaldo Nardi**

*Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), São Miguel do Oeste - SC/Brasil*

**ORCID:** 0000-0003-3809-8878

**E-mail:** ana.nardi@hotmail.com

**André Marcos Spiecker Gasparini**

*Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), São Miguel do Oeste -SC/Brasil*

**ORCID:** 0000-0002-0495-478X

**E-mail:** andrespiecker@hotmail.com

**Eloisa Bido**

*Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), São Miguel do Oeste - SC/Brasil*

**ORCID:** 0000-0003-4326-9483

**E-mail:** eloisabido22@gmail.com

**Tânia Regina Aosani**

*Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), São Miguel do Oeste -SC/Brasil*

**ORCID:** 0000-0003-1516-3825

**E-mail:** tania.aosani@gmail.com

### Resumo

A morte é um tabu e se caracteriza como interdita entre as relações interpessoais e simultaneamente escancarada no meio midiático. O presente texto aborda o tema morte na interface psicossocial, discutindo possibilidades de uma educação para a morte na prática vivencial e sua realidade simbólica. Este texto trata-se de um ensaio teórico. Compreendeu-se a ambivalência que a morte é retratada e sentida por cada indivíduo, tendo como tecido construtor a sociedade, e discutiu-se estratégias de diálogo frente a prática da educação para a morte em diversos cenários. Concluiu-se que se faz necessário o falar de morte em todas as fases de desenvolvimento humano e nos diversos contextos em que individualidades se relacionam, com isso se busca mais uma faceta da autonomia do ser.

**Palavras-chave:** Morte; Educação para a Morte; Realidade simbólica da morte.

### Resumen

La muerte es tabú y se caracteriza por estar prohibida entre las relaciones interpersonales y al mismo tiempo abierta en los medios de comunicación. Este texto aborda el tema de la muerte en la interfaz psicossocial, discutiendo las posibilidades de una educación para la muerte en la práctica experiencial y su realidad simbólica. Este texto es un ensayo teórico. Se entendió la ambivalencia de que la muerte es retratada y sentida por cada individuo, teniendo a la sociedad como tejido constructivo, y se discutieron estrategias de diálogo

sobre la práctica de la educación para la muerte en diferentes escenarios. Se concluyó que es necesario hablar de la muerte en todas las etapas del desarrollo humano y en los diferentes contextos en que se relacionan las individualidades, con esto se busca más una faceta de la autonomía del ser.

**Palabras clave:** Muerte; Educación para la muerte; Realidad simbólica de la muerte.

### **Abstract**

Death is taboo and is characterized as prohibited between interpersonal relationships and simultaneously wide open in the media. This paper addresses the theme of death in the psychosocial interface, discussing the possibilities of an education for death in practical experience and its symbolic reality. This paper is a theoretical essay. It was understood the ambivalence that death is portrayed and felt by each individual, having society as its constructive fabric, and dialogue strategies

were discussed regarding the practice of education for death in different scenarios. It was concluded that it is necessary to speak about death in all phases of human development and in the different contexts in which individualities are related, with this is sought another facet of the autonomy of being.

**Keywords:** Death; Education for Death; Symbolic reality of death.

---

“Chegada ao topo da montanha, admira-se ante paisagem, mas compreende ser obrigatória a descida”. França e Batomé (2005).

### **Introdução**

A morte ronda uma esfera simbólica que constitui um nebuloso universo interdito de sentimentos, existências e tabu sobre o humano e sua finitude. No entanto, historicamente, viver a morte vem sendo reestruturado diante de sua esfera sociocultural e psicossocial. Este texto trata-se de um ensaio teórico sobre a constituição psicossocial da morte, na sua realidade simbólica, e a importância da educação para a morte nos diversos contextos de trabalho humano com foco na educação e saúde. Busca refletir sobre a morte como um processo de vida que pode ser desmistificado, é compreendida como parte do desenvolvimento humano e, para tanto, como tema de trabalho nos diversos contextos de produção de subjetividades.

Foi a partir da Idade Média que o significado da morte passou da parte de um processo inerente à vida, o que envolvia a pessoa e suas relações sociais na mortalidade, para um processo concebido como algo estranho e até mesmo proibido. A partir da Idade Moderna, que evidenciou a valorização da cientificidade, das descobertas e do surgimento do capital como força de produção coloca-se, muitas vezes, a finitude e o doente terminal como símbolo de fracasso, já que a sociedade é regida pela lógica da produtividade

e a morte aparece como não produtiva na relação humana. Assim, a morte se caracteriza como um assunto que geralmente é pouco refletido, possuindo teias de silêncios, censurada e comumente proibida. (Ariès, 1977).

Diante disso, a temática educação para a morte se apresenta como uma ação instituinte na comunicação sobre finitude e existência na infinita composição da subjetividade humana. É necessário observar e construir uma educação para a morte em todos os âmbitos da vida, estruturando ambientes de diálogos nas escolas, nos setores de saúde, e nos cursos de Psicologia e demais áreas da saúde. É nesses locais que o presente ensaio teórico buscará interligar e abordar o educar para a morte. Entende-se educar como “aprender, tomar conhecimento, e, sobretudo, tomar consciência da realidade da vida”. Educar é refletir o porquê de tantos problemas e dificuldades em que os seres humanos se envolvem a cada instante sem saber as suas causas e origens” (Gonzaga de Souza, 2006, apud Wottrich et al. 2009, p.3), e utiliza-se o recorte morte nessa educação.

O ensaio teórico se apresenta inicialmente com a dúbia visão de morte na sociedade atual, introduzindo a educação para a morte como uma possibilidade de transformação social, adentrando a esse

assunto, citando como se entende a morte nas fases de desenvolvimento humano e como o afeto na relação interferem na educação para a morte. Ainda, discorre-se sobre o tema em cenários como escolas, ensino formal, com recorte nos cursos de Psicologia, e na saúde (hospitais), entrelaçando discussões acerca de como produzir um educar como compreensão de finitude e de produção de vida.

### **O interlace da morte no cotidiano**

O falar, o sentir e o processo como um todo da morte é, muitas vezes, expresso por encobertos discursos de medo. A questão central é que à medida em que o viver acontece há implicações de “pequenas perdas” constantes, isto é, pequenas mortes que nos rodeiam, mas a morte e seu pesar intenso só é dado quando é permitido. Há socialmente uma crescente negação desse luto, o que caracteriza uma tentativa de abdicar sua presença do contexto psicossocial de vida. A morte se estrutura como um momento de tristeza, muitas vezes negada, já que fere o princípio de felicidade, presente na construção capitalista. A tristeza da morte dissemina uma expressão de ser que contraria a idealização de uma permanência estática de perfeição e alegria na vida do ser humano, presente no contexto da sociedade atual. (Fensterseifer & Santos, 2016).

O contexto psicossocial envolve esses traços e ações reproduzidas quando o assunto é morte. Relevante e intrinsecamente ligado ao contexto, a produção do sujeito em tornar-se pessoa e conseqüentemente questionar, viver e sentir a vida e sua finitude envolve discorrer da construção humana em meio a essa realidade. Esse processo é essencialmente o falar sobre subjetividade.

Mansano (2009) ao dialogar com o trabalho de Félix Guattari expõem que a subjetividade é um processo sem fim, é uma produção que ocorre no encontro com o outro, e não é passível de totalização. O outro se expressa não apenas no social, mas também na

natureza, nos acontecimentos, isso é, tudo aquilo que produz efeitos e sentidos nos corpos e nas maneiras de viver. Esse experimentar do ser e estar expõem “valores, ideias e sentidos *que (grifo nosso)* ganham um registro singular, tornando-se matéria prima para expressão dos afetos vividos nesses encontros” (p.111). A subjetividade é um movimento de ser que está em constante produção que internaliza e emite trocas decorrentes de relações.

Destarte, esse processo de constituição da subjetividade em meio ao vínculo, envolve vivências sociais experienciadas pelo sujeito e que influenciaram na constituição de sua identidade. Essa envolta a identidades coletivas e reproduzidas trazem como bagagem a história cultural do sentido da morte que levam a ações repetitivas e alienantes.

A morte se torna uma moeda de valor em sua exposição nas vias de comunicação. A grande mídia introduz diariamente cenas de morte, violência, acidentes, doenças, etc. Criando uma problemática que envolve a pouca possibilidade de elaboração (do luto, do processo da morte e do morrer) que esse meio consegue produzir na construção subjetiva dos sujeitos, devido também ao ritmo propositalmente acelerado desses veículos (Kovács, 2005). A morte velada convive lado a lado com a morte escancarada, que se apresenta por meio das mídias.

O tema tende a ser utilizado como ferramenta de marketing, visto a forma chocante com o qual ela é apresentada nas telas. Ensaia-se uma cena, prepara-se um discurso, vende-se uma fantasia sobre o luto. Fensterseifer e Santos (2016) explicam que essa forma de apresentar a morte não traz reflexões, muito menos consciência sobre a finitude da existência de todo ser humano. Esta forma de vivência da morte acarreta um entorpecimento, no qual a sensibilidade vai aos poucos se perdendo, em uma banalidade da vida cotidiana. Um ponto importante a ser considerado “[...] é que se possa pensar numa

maneira menos agressiva de mostrar a morte, ou que a morte não sirva como mercadoria cujo único objetivo seja o aumento do índice de audiência.” (Kovács, 2005, p.494).

Sendo assim, ao mesmo tempo em que a morte é interdita, ela se torna uma companheira cotidiana, e, embora essas mortes estejam tão próximas, ainda existe uma conspiração do silêncio. (Kovács, 2005). Isso demonstra o modo como a morte tem sido utilizada como ferramenta nos meios de produção. “A morte como perda é vivenciada conscientemente e, por isso, muitas vezes, é mais temida do que a própria morte”. (Kovács, 2012, p. 90).

Diante da estrutura social que a morte é expressa, parte-se do princípio que a Educação para a morte, entendida como um estudo sobre a possibilidade do desenvolvimento pessoal de uma maneira mais integral, que inclui processos de individuação, o complexo desenvolvimento interior que se apresenta no existir, e uma preparação para a morte, se torna uma saída para desconstrução e ressignificação do tema na vida dos indivíduos e culturas. (Kovács, 2005).

Desse modo, a educação para a morte vem na tentativa de lidar com a existência de certos impedimentos pessoais para a reflexão acerca do sentido da finitude para cada indivíduo. A educação para morte é uma possibilidade que deve aparecer em diversos cenários. Circundar ambientes que proveem um dever social permite que haja movimentos instituintes de transformação social, ressignificando o silêncio ensurdecido da vida vivência do luto em um diálogo pautado no reconhecimento da finitude e do valor subjetivo da vida.

Ao adentrar o educar para a morte, se vê necessário possuir o conhecimento das fases de desenvolvimento humano na questão de simbolização, já que a morte pode aparecer na vida do indivíduo quando muito pequeno, tendo a escola como umas das organizações

presenciais nas várias fases da vida. Assim a imensa dor sentida pela morte de alguém próximo é sentida por todos, no entanto, Wottrich (et. al., 2009) embasado em Kovács (1992, p. 2), discorre que:

Até os cinco anos de idade, a criança percebe a morte como temporária e gradual, podendo ainda considerá-la reversível. Entre cinco e nove anos, a morte é percebida como algo ou alguém que vem buscar a pessoa, podendo ser sentida como um fenômeno irreversível, mas não necessariamente universal. Só entre nove e dez anos é que a criança compreende a morte como universal, sendo percebida como um processo de cessação das atividades que ocorrem no corpo. [...] Vale a ressalva que o indivíduo se torna capaz de simbolizar o tempo psicológico a partir dos sete anos de idade.

Simultaneamente ao conhecer das fases de desenvolvimento, a Teoria do Apego advém na compreensão dos processos de luto. Essa teoria retrata a ideia de que “as reações das pessoas ante a uma perda, ou seja, quando ocorre uma ruptura com uma figura de afeto, a forma com que esta situação é vivida e enfrentada tem uma relação direta com os vínculos de apego que existiam entre elas”. (Bowlby, 1997 apud Fensterseifer & Santos, 2016, p.161). Sendo que o vínculo desenvolvido com as figuras de apego permite observar algumas maneiras com que o sujeito enfrentará experiências futuras de separação. (Bowlby, 1997 apud Fensterseifer & Santos, 2016).

Em vários cenários o processo de luto não implica no desligamento total da pessoa em relação ao objeto ou ente querido, por que ainda permanece a ligação com o objeto interno, sendo esta ressignificada durante o trabalho de luto. Dessa forma, indica-se possibilitar um canal de comunicação, deixando-o aberto e

respeitando as diversas expressões infantis e adultas acerca do assunto.

### **As possibilidades da educação para morte na prática**

Entretanto, quando a realidade da morte aparece nas escolas se observa a utilização de eufemismos e fugas, além de uma tendência à proibição da participação das crianças/adolescentes, seja nas conversas, discussões ou nos temores que essa engloba. Assim, o processo de socialização não dá sustentação para os pequenos sujeitos em suas vivências, buscando poupá-los e protegê-los dessa dor. (Wottrich et. al., 2009).

Kovács (2005) nos direciona acerca de como lidar com o tema morte no contexto da educação. A autora explica a importância de preparar atividades pedagógicas sobre o tema; lidar com crianças e adolescentes que possam estar passando por situações de perda e luto; propor bibliografia para subsidiar a formação dos professores nesse assunto específico; e apresentar, discutir e preparar os professores para o uso de filmes e vídeos sobre o tema da morte.

Diante dessas direções, se abarca outros assuntos conectados a temática central desse texto, e permite assim a construção de formas educativas no âmbito escolar que desenvolvem e abrem espaço para, por exemplo, o educar para a morte dentro dos tópicos do suicídio, da automutilação e casos de violência- tanto específicas (LGBTfobia, violência de gênero e racismo) quanto que se expressam na juventude em um geral. Uma experiência interessante foi realizada por Aquino et al (2020), em uma pesquisa-ação, que contemplou 5 intervenções com 17 pessoas, em sala de aula, o que possibilitou uma reflexão sobre a vida e envolveu a dualidade vida-morte. Conclui-se que diante dessa experiência os estudantes puderam expressar suas crenças e concepções no que tange a finitude e promovendo uma reflexão sobre a vida, “tornando-os conscientes

dos significados que permeiam suas vidas.” (p.316)

Para se reproduzir possibilidades-intervenções como essa, que incluem e se expandem para rodas de conversas, grupos terapêuticos, palestras, encontros de sensibilização, por exemplo, a preparação de profissionais capacitados para lidar e trabalhar com a perda, com o luto, com a morte, se mostra essencial. Uma forma para tal é abordar a educação para a morte no ensino formal, isso é, nos cursos de graduação, envolvendo também todas as áreas humanas, sociais e da saúde. A Psicologia adentra essas áreas e atua com indivíduos direta e indiretamente.

A educação para a morte surge como uma tentativa de suprir a carência encontrada nas formações de Psicologia, propondo um contato com a temática da morte pela via da educação formal. (Fensterseifer & Santos, 2016). Nisso, se adiciona componentes curriculares específicos, mas também traz o diálogo/sensibilização em todo o decorrer do percurso formativo, sempre que possível. Assim, no universo da educação formal o educar para a morte deve ser compreendida como um tema transversal nos currículos, em todos os níveis de ensino. Tendo a transversalidade do tema como uma estratégia abordada em todas as esferas, desde o conhecimento teórico, até o prático.

Educar para a morte se faz preciso diante do fato de que a morte está posta desde o nascimento de uma pessoa, a morte é identitária da vida, e a (o) psicóloga (o) se depara com essa temática humana em diversos contextos, tais como em escolas, organizações, clínicas, em situações de emergências e catástrofes, etc. (Kovács, 2012). Portanto, no decorrer da graduação o aluno evidencia a essencialidade da preparação profissional para uma atuação adequada com este assunto, que aparece em diversos contextos.

Ressalta-se que o tema transpassa a vertente teórica e técnica da formação,

exigindo um posicionamento do psicólogo, no seu próprio processo de elaboração frente a suas perdas. E é nesse ponto que se percebe uma necessidade de aproximação dos campos de preparação teórica, técnica e pessoal. (Fensterseifer & Santos, 2016).

Compreender o que a morte e a consciência da nossa própria morte, indo na contramão do que a sociedade capitalista postula, permite ao profissional da psicologia lidar com este outro que sofre, que está próximo da sua morte, que perdeu alguém querido, que passa pelo processo de luto, sem que suas próprias questões interfiram na sua atuação. (Fensterseifer & Santos, 2016, p. 171).

É de precisa necessidade, na esfera do educar para morte, conhecer como a morte aparece e é construída na vida do ser humano. Assim, através de um processo constante de apropriação e reapropriação da cultura, conceitos externos são internalizados e adquirem um sentido singular e pessoal. Por conseguinte, a maneira com a qual os indivíduos idealizam e enfrentam a morte se diferencia conforme a cultura em que estão inseridos.

Isto é, a morte não é algo da ordem do biológico apenas, mas também da dimensão simbólica do homem. Trata-se de um fenômeno atrelado a diversos significados e valores que variam de acordo com o contexto sociocultural e histórico.” (Ariès, 2003 apud Fensterseifer & Santos, 2016, p.157). A morte faz parte do ser humano, intrínseca e coletivamente, ela envolve, corpo, alma, sentir e agir diante do mundo simbólico e real do ser humano.

No âmbito da saúde, nas profissões como a medicina e a enfermagem, as tentativas de impedir a morte e salvar um conceito de vida (o conceito biológico do existir) pode transmitir a ideia de força e controle, entretanto, quando ocorrem perdas as quais apresentam, devido a dinâmica de trabalho e institucional, poucas

possibilidades de elaboração do luto, não há expressão da tristeza e da dor, o que pode gerar consequências como maior possibilidade de adoecimento. O luto não elaborado está se tornando um problema de saúde pública, dado o grande número de pessoas que adoecem em função de um crescente sofrimento vivencial, sanciona Kovács (2005).

Santos et. al. (2014) tencionam ao questionar as tentativas heroicas de salvar um paciente a todo custo. Para o autor, se trata de uma postura que pode contradizer-se ao cuidado humanizado. “Por diversas vezes pacientes são levados até emergências, há uma invasão de sua privacidade, de seus direitos. Vários procedimentos são feitos e, então, enfim, salvamos. Quem? Nós mesmos? [...] Primeiro usamos a tecnologia, depois verificamos as possibilidades terapêuticas.” (Santos et.al, 2014 p.199).

O autor ainda enfatiza que o despreparo faz com que o profissional sinta maiores dificuldades para lidar com a pessoa sem possibilidades de cura e com seus próprios sentimentos, o que pode provocar um distanciamento profissional enfermeiro/paciente. (Santos et.al, 2014). Entra aqui a difícil tarefa de desenvolver cuidados paliativos éticos e humanos, o que circunda, necessariamente, o processo interno do profissional com a morte e compreensão profunda de dignificá-la.

No que tange, esse diálogo, o preparo do profissional para com a morte e essa relação tão perto e imutável com ela, tanto no cenário dos cuidados paliativos quanto demais, é ainda insuficiente e deficitária, principalmente no processo educacional de profissionais da saúde. Nessa realidade, é indispensável que os profissionais, além do conhecimento adquirido, desenvolvam a sensibilidade necessária, diante de fundamentos humanitários de sua trajetória, para a percepção e a contenção do sofrimento vivenciado pelos pacientes terminais. (Bifulco e Lochida, 2009)

Assim, tanto incluir na grade curricular componentes de tanatologia e cuidado paliativos quanto de movimentos grupais de sensibilização e espaço para lidar com os sentimentos referentes à morte se fazem tão necessários. Bifulco e Lochida (2009), dialogam sobre a necessidade de instrumentalização e sensibilidade especial para com a morte, e destacam o desenvolvimento da capacidade de compreensão, tolerância e enfrentamento dos profissionais da saúde, levando a um olhar expandido para intervenções, agora: social, psicológica e espiritual, na busca da “boa morte”.

A educação para a morte no contexto hospitalar, segundo Kovács (2005), compõe identificar as necessidades das equipes, promover intervenções, avaliar a influência dessas intervenções na qualidade de vida do trabalhador. Concomitantemente, indica-se atividades que favoreçam o aquecimento e sensibilização para o tema, aprofundamento desse e planejamento da ação de cuidados ao cuidador pensada pela própria equipe de trabalho. Uma possibilidade é o trabalho psicológico na área da saúde com o desenvolvimento de grupos terapêuticos, mediação para grupos de apoio (entre profissionais), rodas de conversa, e até ideias para vivenciar a vida (piquenique dos funcionários, apresentações artísticas, espaço para pintura/arteterapia, etc)

Toda intervenção e ação para educar para a morte envolve permitir o sentir e falar sobre ela, assim como sua conexão intrínseca com a vida (dialética vida-morte). Desse modo, a educação para a morte “envolve comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite, nas quais reviravoltas podem ocorrer durante a vida, como, por exemplo, fases do desenvolvimento, perda de pessoas significativas, doenças, acidentes, até o confronto com a própria morte” (Kovács, 2005, p. 486).

A seriedade e relevância de criar espaços para o diálogo sobre o tema da morte está diretamente relacionado com o fato de que estamos falando também de vida e saúde mental e, ao pensar nisso, a qualidade da mesma acaba sendo revista. (Kovács, 2005). A saúde mental entropõe a construção de vida em seu valor subjetivo tanto simbólico quanto real, tanto da pessoa quanto do grupo em que ela está inserida. Ela se expressa na consciência de possibilidade de o sujeito agir e pensar. Falar sobre a morte e refletir sobre a vida permeia a construção de uma saúde mental que se encontra debilitada, e reflete grandes discussões como depressão, suicídio e de uma maneira geral o adoecimento psíquico.

Portanto, discutir morte é dar atenção para essa realidade, não silenciar quando essa aparece. É necessário, junto com reflexões e ressignificações sobre a finitude, compreender essas diferenças cognitivas das fases/idades dos indivíduos e articular o todo envolvido naquele momento. Possibilitar um espaço para se sentir e conversar sobre esse assunto e sentimentos advindos dessa vivência é essencial para se construir sujeitos capazes de lidar com frustração, raiva, medo, perda e iniciar um caminho para que se entenda e respeite lutos, seja eles na infância, na adolescência, na fase adulta ou na velhice, seja elas perdas de vida ou perdas simbólicas como os pequenos lutos cotidianos que vivemos, sejam estes de relacionamentos, de emprego, de sonhos, de desejos, entre outros.

### **Conclusão**

A morte existe, nos acompanha e permite que nós humanos tenhamos começo, meio e fim, tornando existências histórias. A morte, porém, se expressa na sociedade de maneira ambígua, manifestando-se velada e lado a lado escancarada. Essa ambiguidade fomenta tabus e medos, que historicamente foram introjetados na nossa cultura e são, a todo momento, assegurados em uma realidade que nega a possibilidade de falar sobre morte.

Assim, a educação para morte vem como uma possibilidade de ressignificação e abertura para reflexões acerca da finitude humana.

Negar a morte é uma das formas de não entrar em contato com as experiências dolorosas [...] Existe, no ser humano, o desejo de se sentir único, criando obras que não permitam o seu esquecimento, dando a ilusão de que a morte e a decadência não ocorrerão. Essa couraça de força é uma mentira que esconde uma fragilidade interna, a finitude e a vulnerabilidade. (Kovács, 2005 p. 494).

O ensaio discorreu acerca de como a morte aparece nos cenários supracitados, levantando pontos que reproduzem a morte não dita e como utilizando a educação para a morte, tendo base os conhecimentos e atribuições de Kovács, se constrói diálogos e possibilidades de expressões nesses locais. Também se entrelaçou como o uso de recursos essenciais: comunicação, reflexão e compreensão sobre morte, tem impacto central em um momento instituinte de ressignificações e aberturas, para então, haver transformação social diante do assunto.

Assim, este escrito salienta a possibilidade de discutir sobre a morte como um tema transversal nos currículos de todos os patamares de ensino. Considerando então, que o assunto “morte” não seja mantido somente no meio acadêmico, estendendo-se para a educação básica e profissionalizante, no intuito de formar profissionais e seres humanos mais cientes, críticos e éticos.

Contudo, se faz necessário indagar a respeito do conhecimento encontrado sobre educação para a morte. Comumente se observa as outras áreas tomarem frente desses debates, fazendo uso de informações desconstruídas e direcionadas sem perspectiva de aprofundar os debates, dando sentido brando à morte, visando minimizar sofrimento ao invés de falar sobre ele. Os reflexos disso vão além de uma negação da morte, podem produzir uma angústia profunda, e obstáculos no caminho do autoconhecimento e respeito à finitude humana. Educar para a morte não significa dar respostas prontas, significa refletir acerca das perguntas que movimentam a vida do sujeito. Por isso, enfatiza-se a importância deste tema ser estudado, ampliado no campo da ciência.

É relevante ressaltar que ao falar de morte e compreensões acerca desta, tornar-se sujeito se mostra como existencialmente relevante para o sentir e refletir a morte, no entanto, como a autonomia é algo construído a partir de inúmeras desconstruções das pautas sociais que somos submetidos, essa, no que se reflete a morte e vida é desenhada e desenvolvida ao longo do trajeto humano, sempre desafiando a existência e trazendo o ser para o aqui, e para o agora. Portanto, é “só quando temos consciência da finitude das coisas e de nós mesmos estamos livres para estar no presente e inteiros”. (Tinoco, 2003, s/p). É quando se constrói uma consciência sobre finitude que retira os obstáculos idealizados sobre o tema e permite ao humano a liberdade de ser, pondo reflexões acerca de umas das constituições essenciais da vida, isto é, a morte.

### Referências

- Aquino, T. A. A. de Aguiar A. A. de, Vasconcelos S. X. P. de, Santos S. L. dos. Falando de morte e da finitude no ambiente escolar: um estudo à luz do sentido da vida. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*. 2014, v. 34, n. 2 doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000092012>.
- Ariès, P. (1977). *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ariès, P. (2003). *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Bifulco, V. A. & Iochida, L. C. A formação na graduação dos profissionais de saúde e a educação para o cuidado de pacientes fora de recursos terapêuticos de cura. *Revista Brasileira de Educação Médica [online]*. 2009, v. 33, n. 1. pp. 92-100. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000100013>.
- Fensterseifer, L., & Santos, T. C., (2016). Educação para a morte na formação do psicólogo da PUC Minas São Gabriel. *Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 1(1), 157–175. <http://seer.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13591/10483>
- França, M. D., & Botome, S. P. (2005). É possível uma educação para morte? *Psicol. estud.*, 10(3), 547-548. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000300024>.
- Kovács, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicol. cienc. prof.*, 25(3), 484-497. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>
- Kovács, M. J. (2012). *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP.
- Mansano, S. R. V. (2009). Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8, 110-117.
- Santos, J. L., Corral-Mulato, S., & Bueno, S. M. V. (2014). Morte e luto: a importância da educação para o profissional de saúde. *Arq. Cienc. Saúde UNIPAR*, 18(3), 199-203.
- Tinoco, V. (2003). *O luto como vivemos: educação para a morte*. Palestra proferida no II Congresso Brasileiro de Psicologia da Saúde e Psicossomática e II Simpósio Brasileiro de Psiconeuroimunologia.
- Wottrich S. H., Pereira L.L., Mostardeiro V. M. P., Souza K. S. de., Capaverde S., Quintana A. M. ... Dias A. C. G., (2009). Educação para a morte: aproximações sobre o tema em sala de aula. In Associação Brasileira de Psicologia Social (Org.), *Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social*, Maceió.

---

#### Dados sobre os autores:

- Ana Paula Toaldo: Bacharel em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste.
- André Marcos Spiecker Gasparin: Bacharel em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa



Catarina – Campus de São Miguel do Oeste.

- *Eloisa Bido*: Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2020). Mestre em educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Integra a Linha de Pesquisa Educação, Políticas Públicas e Cidadania (GEPPeC) e participa dos projetos de pesquisa “Educação, direitos humanos e políticas de gênero” e "Mecanismos institucionais para a defesa dos direitos das mulheres em universidades brasileiras: contribuições para a superação de desigualdades e violências" coordenados pela professora Dra. Neiva Furlin.
- *Tânia Regina Aosani*: Mestre em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Com Formação em Psicologia Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa. Trabalhou como docente do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de São Miguel do Oeste e Pinhalzinho e atualmente trabalha como Psicóloga clínica.

---

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

---